

2ª EDIÇÃO | DEZEMBRO '23

FADISTA

www.fadocale.pt



FOTOGRAFIA : AURÉLIO VASQUES

Rodrigo / / António Chainho

ASSOCIAÇÃO FADO CASTO

ENTREVISTAS

RODRIGO

ANTÓNIO CHAINHO

TEMA

O QUE O FADO ESCREVE EM MIM | TIAGO TORRES DA SILVA

FADOCALÉ
FADO
JORNAL DO FUNDÃO

Montepio **SAÚDE**

Seguimos a sua saúde de perto

Saúde, qualidade de vida e bem estar dependem do equilíbrio entre o corpo e a mente. Por isso, e para que os nossos associados usufruam dos melhores serviços e cuidados de saúde, desenvolvemos soluções especializadas, prontas a responder a todas as fases da vida. Do Plano Montepio Saúde aos cuidados prestados pela Residências Montepio, passando pelo apoio domiciliário ou pela teleassistência, reunimos respostas completas que podem fazer muito por si e pelos seus.

FADO É FADO. POP É POP.

Por Francisco Guimarães



O fado, por padecer das mesmas características de que padece a sociedade, está, como hoje em dia se convencionou dizer, polarizado. Entre fronteiras e barricadas, os fadistas – que são, como o aloé vera, um conceito que vale para tudo – vão erguendo publicamente a bandeira do orgulho pátrio clamando para si mesmos o tradicionalismo do que fazem ou do que são, enquanto outros insurgentes puristas – de olhos fechados, claro está – acusam os anteriores de rasgarem as vestes pretas e os xailes. A história do fado está pejada destas guerras pequeninas e alimenta-se delas. Este conflito é um gatilho quase natural da sua própria teoria da evolução, ainda que aos dias de hoje não haja sequer um beco em alfama sem cruzeiros, pregos, hereges e pecadores.

Como qualquer linguagem maior que se digne, o fado, vivo desde o berço, resiste aos novos acordos ortográficos e, ora mais curvado ora mais erguido, vai caminhando na mesma, embora aos trambolhões, e não se faz mordomo de ninguém. O português típico, nascido em 1143, é exímio na arte da justificação, quando toda a gente

sabe que a arte não precisa dela. E o fado também não. Quando oiço alguém dizer repetidamente “eu sou fadista”, em tom responsivo, geralmente é porque não o é, e vice versa. Da mesma maneira que quando os proeminentes guardiões do fado aparecem com o intuito de o embrulharem numa gigante bola de naftalina, é porque o querem prender com toda a força às palavras já usadas, gastas e datadas. O término da argumentação de ambas as partes dá-se quase sempre com a invocação de uma valente sentença: “Isto sim é fado!”. E o fado, como não quer saber, vai à sua vida todo contente.

No meio de tudo isto há gente sensata. Aliás, são, como na política, os mais moderados, e geralmente os mais silenciosos, a reinar.

Os que, habilmente, com respeitinho que é bonito, trazem a tradição para o presente, sem embutir à bruta instrumentos, ritmos, batidas ou tecnologias. Pelo que me contam, o fado é um exercício de continuidade, e sobrevive porque voa no tempo, desprovido de cortes repentinos ou saudosismos nacionalistas.

Acrescento: o fado é um diálogo sereno, um exercício de continuidade profundamente humano e, assim, de natureza livre e aberta ao que de melhor tem o outro. E a liberdade, como qualquer arma, carece de regras e do bom uso, sensato e cuidadoso, para permanecer como instrumento que faça falta ao Homem. Finalmente, depois de inúmeras discussões, a pergunta de como dar ao fado uma expressão que corresponda aos dias de hoje é uma pergunta que faz todo o sentido e deve ser uma fagulha nas casas de fado. O fado tem de ser contemporâneo, ao mesmo tempo que não pode ceder às facilidades do mercado. Limitar a sua livre condição, imitando Amália ou Marceneiro, não será um caminho. Modernizar sem razões ou fundamentos também não. Fado é fado e Pop é Pop. A resposta estará algures no sentimento de cada um. Sem prestar contas a ninguém a não ser à verdade e à música.

Ao fado.

FICHA TÉCNICA

Edição: Fado Cale e Jornal do Fundão

Diretor Jornal do Fundão: Nuno Francisco

Coordenação: Leonel Barata e Diogo Pinto

Design e paginação: Francisca Aranda e Diogo Pinto | Editor: Rui Peleção

Textos: Francisco Guimarães, Tânia Oleiro, Manuel Mozos e Dina Duque, Tiago Torres da Silva, Rui Poço, Leonel Barata, João Carlos Oliveira, Jorge Cravo, Matilde Cid, e Teresa Fonseca | Tiragem: 8000 exemplares | Impressão: Grafisol

Contactos: Jornal do Fundão | Rua dos Restauradores, L. 14, Loja 1 r/c, 6230-496 Fundão

Contacto: 275 779 350 | Email: redacao@jornaldofundao.pt

www.jornaldofundao.pt

ÍNDICE

Entrevista Fadista Rodrigo	04
Fado & Cinema	08
Fado & Escrita	10
Associação Fado Casto	12
Entrevista Músico António Chainho	14
Canção de Coimbra	17
Opinião , por Matilde Cid	18
Herdade do Brejão	20
Giradiscos	21
Casas de Fados	22

Tânia Oleiro entrevista Rodrigo



Nasceu em Lisboa?

Nasci a 29 de junho de 1941, no caracol da Graça, que são as escadas que vão dar à Mouraria. Era muito lourinho, cabelo quase branco, tanto que havia muita gente que perguntava à minha mãe se eu era húngaro ou austríaco, porque na altura tinham vindo muitas crianças desses países para Portugal, por causa da guerra, que decorreu nesse período, de 1939 a 1945. Fui fazer 5 anos ao Bairro da Encarnação, para onde nos mudámos depois. Mas considero que nasci com 20 anos, porque antes desse tempo a minha história não tem muito que se conte. Fui para França com quase 21 anos, com o objetivo de aprender a língua francesa e voltar, por perceber que o turismo era já a única solução deste país. Fui trabalhar para Paris na área da publicidade e acabei por tirar dois cursos de marketing. Morava entre a Torre Eiffel e o Arco do Triunfo, mesmo no centro da cidade, foi uma experiência cultural maravilhosa.

Acha que essa formação o ajudou mais tarde na gestão do seu percurso enquanto fadista?

Na verdade, nunca me passou pela cabeça vir a ganhar dinheiro a cantar, aconteceu genuinamente. Depois de regressar a Portugal tinha ideia de ir para Londres, porque já lá tinha estado 15 dias, mas não gostei muito da frieza de algumas pessoas e acabei por ir para Munique, Ale-

manha, por causa de um amigo meu, o Fernando, penso que em 1972, teria de fazer as contas a lápis e papel. Fui também com o intuito de aprender a língua e porque se ganhava bem lá na altura. Fui trabalhar como vendedor a ganhar 150 contos por mês, onde iniciei primeiro com um curso de especialização na área das vendas. Na verdade, o objetivo principal era formar-me como pessoa através de diferentes experiências, mas de facto ganhava-se muito bem, de maneiras que ainda me mantive por lá uns tempos, até ir viver com a minha falecida mulher para o Porto.

E nada de fado ainda por esta altura da vida?

O fado propriamente dito não, mas eu gostava de cantigas, tinha um ouvido muito apurado, que ainda mantenho, embora se vá perdendo a audição com a idade. Eu e os meus amigos íamos cantando o que estava na moda, mesmos os temas ingleses que às vezes inventávamos palavras. Lembro-me, na altura ainda em Lisboa, na zona do Areeiro, de ir com o Fernando petiscar a uma cervejaria, e de repente começamos a ouvir música que vinha de um edifício ao lado e fomos tentar ver, mas a porta principal estava fechada e descobrimos outra porta entreaberta por onde entrámos. Questionaram-nos e convidaram-nos depois a sentar, eram 3 rapazes que estavam a formar uma banda e iam gravar um disco. Estavam a cantar temas latino-americanos, e eu era um

fanático na altura, por Boleros, Chá-chá-chá, a música Pancha, eu sabia aquilo tudo de cor.

Eles ensaiavam com regularidade, e eu e o Fernando fomos acompanhando alguns desses ensaios. Como traulitava alguns dos temas, houve um dia que me convidaram também para cantar, porque a ideia deles era terem mais vozes. Há um fim de semana que vou passar com um primo meu a Sesimbra, a família dele tinha lá um restaurante, e nessa altura eu namorara com uma rapariga que gostava muito de mim, que tinha conhecido no baile do Desportivo de Arroios, muito boa rapariga e muito bonita, e quando regresso do fim de semana a minha mãe disse-me que tinha ligado um senhor que queria falar comigo. Era o Barradas a convidar-me para fazer parte desse grupo. Quem tocava era o Fernando Antunes, o Filipe Nascimento e o Jorge Barradas, que era o diretor do grupo. Formou-se assim um conjunto de 5 elementos, 4 rapazes, comigo, e uma rapariga algarvia, a Maria Luísa, conhecida por Milu, que cantava nos coros de São Carlos. O resultado é que fiquei tão entusiasmado que nem telefonei mais à essa namorada, e ainda hoje quando canto “Tinha o nome de saudade”, é para aquele tempo que me transporta. A música falou mais alto, e foi assim, até aos dias de hoje. Fizemos então um disco, com o Álvaro Martins, gravado nos estúdios da rua do Castelo, da Valentim de Carvalho. Quando passava um avião tínhamos de parar e esperar um pouco.

Existiam temas originais neste disco?

Neste disco ainda não, mas estava previsto fazermos alguns temas depois. Neste primeiro disco estava “Estando contigo”, que era dos 5 Latinos. Cantávamos num bloco de 5 vozes, foi um belo arranjo. E o Filipe nascimento era um músico incrível, tocava quase todos os instrumentos, era piano, acordeão, baixo, viola, tocava tudo, nasceu mesmo para a música.



- Recordando-te
(A. Legui/C. Medina/Jorge Barradas)
- Canção Ao Porto (Artur Ribeiro/Jaime Filipe)
- Pepe (do filme do mesmo nome)
- Langdon/Wittstatt/Couto Viegas)
- Estando Contigo
(A. Guijarro/A. Alguero/Jorge Barradas)

TINHA O NOME DE SAUDADE

(João de Freitas / Marcha de Alfredo Marceneiro)

**Tinha o nome de saudade
Aquele a quem pertenci
Com toda a alma e fervor
Deu-me tanta felicidade
Que eu nunca mais esqueci
Essas loucuras de amor**

**Vivendo a nossa loucura
A queimar-nos em seu lume
Passamos noites inteiras
Com mil zangas à mistura
Pois as paixões sem ciúme
Não podem ser verdadeiras**

**Um dia tudo acabou
Deixei de ser o preferido
Daquela a quem tanto amei
Ela nunca mais voltou
E eu, com o orgulho ferido
Também, não a procurei**

**E contra a nossa vontade
Cada um seguiu porém
Na vida, diferentes linhas
Hoje é d'outro essa saudade
Mas há pouco disse alguém
Que sente saudades minhas**

Quanto tempo esteve neste projeto?

Um ano e tal apenas, porque tive de ir cumprir serviço militar. Foi dura a recrutata, pensava que não sai dali vivo, porque éramos preparados para ir para a guerra, para Angola ou Guiné. Mas mesmo assim ainda fiz alguns espetáculos no início. O comandante da companhia teve conhecimento que eu cantava e deu-me permissão de saída aos sábados, para que pudesse participar nalguns concertos. Lembro-me de irmos atuar ao “Incrível Almadense”, em Almada, durante esse período, assim como a Belém, a um espaço teatro-cinema, da gestão do Aurélio Carlos Moreira. Foi muito giro. Entretanto, um dia, uma equipa do Hospital de Belém fez uma visita técnica ao quartel e dois dias depois fui chamado aos serviços administrativos, para me informarem de uma mancha que tinha num dos pulmões, pelo que depois, e também pelo conhecimento de um comandante amigo da terra do meu pai, acabei por ser dispensado do serviço militar.

E o fado, quando é que entra na sua vida?

Um dia, éramos um grupo de 11 ou 12 amigos, fomos dar uma volta a Lisboa, e mais tarde, nem sei porque carga de água, fomos parar a Alcântara à casa de Fados a “Velha Cesária”. Eu só sabia um fado, aliás, na altura só um fadista é que me fazia ouvir um disco do início ao fim, o Senhor Carlos Ramos. O fado que sabia era “A Biografia do Fado”, que estava tanto na moda que passava todos os dias na rádio, em todas as estações, e eu decorei logo a letra. Eu tinha um bom ouvido e uma ótima memória. Uma vez fui ao Politeama ver um filme com o Pedro Infante, e das 4 ou 5 cantigas interpretadas decorei as melodias e 3 letras, em espanhol, tanto que ele depois perguntou se já tinha visto o filme antes. Bem, lá fomos aos fados, onde estavam fadistas amadores e um dos meus amigos a certa altura, que era tudo malta do bairro da encarnação, sabia que eu cantrolava o Biografia do Fado, e insistiu ➤



para eu ir cantar, até porque já estávamos bem pincelados. Fa-
lei ao guitarrista se podia cantar, e ele perguntou em que tom,
que eu não sabia, pois acompanhava apenas quando ouvia na
rádio. Mas lá aconteceu e fiquei surpreendido comigo mesmo,
com aquele momento.

Sentiu, portanto, algo de especial?

Sim, foi estranho, porque nunca tinha cantado fado acom-
panhado e foi um sentimento completamente diferente de
tudo o que já tinha cantado até ali, e em português. E de facto,
toda a gente aplaudiu aquele momento, foi especial, e claro,
pediram para cantar mais um fado pelo menos, mas efetiva-
mente só sabia aquele fado. Havia gente que pensava que eu
estava na brincadeira, tanto que sugeri cantar o mesmo fado
novamente. Lá voltei para a minha cadeira, e já eu estava a
respirar fundo, safo daquele momento, quando se levanta
um homem enorme, que estava sentado sozinho numa mesa,
e me pergunta se eu o queria convencer que nunca tinha
cantado fado acompanhado, ao que respondi que não, que
estava ali em convívio com amigos, quase como despedida,
uma vez que ia para França no dia seguinte. Então ele disse-
me, olhe, quer você queira quer não, é fadista. Agradei. Vim
a saber ainda nessa noite, através do empregado da casa que
ouvira a conversa e me disse que era uma honra o elogio que
tinha acabado de receber do Carlos Duarte, o filho do Alfredo
Marceneiro, um grande fadista.
Entretanto fui então para Paris aprender a língua e ganhar a
vida e a certa altura comprei um rádio, que através da onda
curta captava a emissão nacional portuguesa e à noite entre-
ti-nha-me a escrever as letras de fado que passavam. Regresso a
Portugal com 26 anos, e um dia na Casa de Fados “O Arreda”,
que era do José Pracana, sou convidado a gravar o primeiro
disco de fado, “A Última Toirada Real em Salvaterra” com a Va-
lentim de Carvalho, e é aqui que tudo começa de forma mais
séria. O segundo disco, Coentros e Rabanetes vendeu 700 mil
exemplares só em Portugal. A primeira edição saiu em EP e a
segunda já foi em LP. Aliás, a partir deste trabalho foram to-
dos em LP. Foram 36 discos de longa duração. Naquela altura
um single eram 50 mil, hoje penso que são 5 mil ou 7,5 mil.
Na verdade, detestava ir para estúdio, não havia publico e em

parte das vezes nem via os guitarristas. Gravávamos um LP
em 2 a 3 horas, era o normal. Se fosse uma gravação como eu
gosto, só com fados tradicionais, eu levava os poemas e às ve-
zes decidia-se na hora quais eram os fados a encaixar, porque
todos os músicos conheciam, era o que o coração mandasse.
Se fossem musicados, os músicos tinham de trazer o trabalho
de casa feito.

Houve um ano que fez mais concertos do que dias do ano?

É verdade. Só num desses dias fizemos 5 espetáculos. O pri-
meiro no Pontal, no Algarve, às 18h ou 19h, o segundo numa
esplanada junto ao mar, na Quarteira, depois no paredão de
Albufeira, e depois em mais 2 discotecas, terminámos às 4h e
tal da manhã. Nem era pelo dinheiro, era mesmo pelo prazer
de cantar fado. Eu tinha um quarteto fabuloso, que normal-
mente eram quem me acompanhava, com duas guitarras, o
António Parreira e o José Nobre Costa, o Francisco Gonçalves
na viola e o Raúl Silva no baixo, entre outros músicos. Fize-
mos também imensas saídas para o estrangeiro, a primeira
vez foi a Toronto, ao Canadá.

**A quem é que confiava a gestão das suas casas de fado quando
viajava?**

Tinha gente da minha confiança. Por exemplo na minha
última digressão ao Brasil tinha 19 espetáculos marcados, foi
quase um mês e meio fora. Fui ao Recife, São Paulo, Ribeirão
Preto, Belo Horizonte, Campinas, Belém, Manaus, Bahia, São
Luís do Maranhão, entre outros sítios.

Foi sempre o Rodrigo a gerir a sua própria carreira?

Sim, tomei sempre conta das decisões, umas boas, outras
más.

E da gestão artística das casas de fado?

Também. Tive a casa de fados o “Forte de D. Rodrigo”, em
Cascais, durante mais de 30 anos. De alguma forma era mais
fácil a gestão dos artistas, uma vez que não havia por ali casas
de fado como em Lisboa. 📍



Valorizamos e divulgamos as origens portuguesas com
os melhores queijos, presuntos, enchidos, entre outros.
São mais de 150 vinhos que servimos, todos eles
também servidos a copo.

Venha provar!

- Noites de Fados
- Restaurante Típico

Rua Jardim do Tabaco, 104
Contactos:
+351 924 133 565
alfamamuralha.tapasevinhos@gmail.com

Neste espaço além de Gastronomia de referência
portuguesa, com os melhores produtos frescos
encontrará uma casa de amigos do fado: guitarristas,
violistas, cantadores e cantadeiras, fadistas e estudiosos.
Situado na Rua Jardim do Tabaco, mesmo perto do
Museu do Fado, não se espante se por aqui encontrar
aprendizes e mestres do universo da canção urbana
mais popular de Lisboa.

Venha fazer-nos uma visita!

- Noites de Fados
- Restaurante Típico

Rua Jardim do Tabaco, 112
Contactos:
+351 21 886 7089
alfamamuralha@gmail.com



O Fado e o Cinema



“
Em 1909 o fado marca logo presença no filme homónimo «Maria Vitória», a chamada “rainha do fado”.
”

Fado e cinema andam de mãos dadas. Mesmo antes do “sonoro” já os filmes abordavam o tema, quicá à boleia dos eventos dramáticos presentes neste estilo musical, quicá por, naquele tempo, muitos fadistas serem simultaneamente actores de “Revista”. Em 1909 o fado marca logo presença no filme homónimo «Maria Vitória», a chamada “rainha do fado”. Perdido o filme, como muitos outros, um enredo baseado na história desta fadista, que popularizou o célebre “Fado do 31” não é difícil de imaginar. Tal como o Teatro homónimo no Parque Mayer, assim o cinema e o próprio “Fado Vitória” (da autoria de Joaquim Campos), fazem-lhe indubitavelmente jus, pois que a sua vida dava um filme... Outro exemplo maior surgiu em «Amor de Mãe», de 1932, realizado por Carlos Ferreira, uma ficção baseada num dos fados mais populares de Ercília Costa, “a santa do fado”, por colocar as mãos em posição de oração.

Outras inspirações estão patentes nos filmes, “Alfama, Velha Lisboa”, de 1930, de João Almeida e Sá, ou “O Fado”, de 1923, de Maurice Mariaud, sugerido pelo famoso quadro de Malhóa e pelo poema de Augusto Gil, a “Canção das Perdidas”. Figura lendária do fado, Severa dispensa apresentações; Júlio Dantas escreveu a peça que veio dar origem ao filme homónimo de Leitão de Barros (1931), interpretado por Dina Teresa e sonorizado em Paris. No primeiro filme rodado e sonorizado no nosso país, “A Canção de Lisboa”, de Cottinelli Telmo (1933), Vasco Santana interpreta Vasco Leitão, um aluno estroina e boémio dedicado aos fados, mais do que aos estudos na Faculdade de Medicina. António Silva, Virgílio Teixeira ou Estevão Amarante também interpretaram fadistas ou instrumentistas, mas muitos são os fadistas que surgem nos filmes enquanto eles próprios, a cantar fado: Alfredo Marceneiro, Carlos do Carmo, Carlos Ramos, Fernando Farinha ou Berta Cardoso; outros, além de



fadistas, foram também actores: Amália Rodrigues, Hermínia Silva, Celeste Rodrigues, Camané, Deolinda Rodrigues, Alberto Ribeiro ou Tony de Matos. Amália Rodrigues, caso único no fado e no cinema, inspira diversos documentários e ficções, como sucede no “Fado, História d’uma Cantadeira”, de Perdigão Queiroga (1947). Mais tarde, já em 2000, veio a ser retratada por Bruno de Almeida em “The Art of Amália”. Este realizador, em 2014, fez também o documentário “Fado Camané”, em que cita Frutuoso França que, por sua vez, através de um dos seus fados, “O Médico e a Duquesa”, chega ao cinema de animação.

Fadistas como Celeste Rodrigues, Beatriz da Conceição, Argentina Santos ou Fernando Maurício são retratados por Diogo Varela Silva; outros, como Aldina Duarte ou Carlos Paredes também mereceram documentários. Este eminente instrumentista muito contribuiu para diversas bandas sonoras, de que realçamos “Verdes Anos”, de Paulo Rocha. Muitos são, aliás, os filmes que integram fados nas suas bandas sonoras. No seu último filme, curiosamente, Amália Rodrigues interpreta uma personagem que não canta fado: As Ilhas Encantadas, de Carlos Villardebó (1964) e tão curioso quanto isto é perceber que

em finais da década de 40 já Augusto Fraga realizava cerca de 11 pequenos filmes, cada um deles correspondendo a um fado por ela interpretado. Também o fado serviu de inspiração a realizadores estrangeiros: Alain Tanner, Raoul Ruiz, Henri Verneuil ou Eugène Green; Carlos Saura dedicou-lhe um dos seus filmes: “Fados” (2007), em que participam Carlos do Carmo, Camané, Mariza, Argentina Santos, Ana Sofia Varela, para além de Chico Buarque e Caetano Veloso, entre outros. O Fado deixou a sua marca indelével no cinema português... 🎬



Por Manuel Mozos e Dina Duque



O que o FADO escreve em mim



10 FADISTA Em mais de trinta anos de escrever para o universo do Fado, sempre me preocupou dominar as formas, as métricas, o vocabulário fadista para poder ser completamente livre na minha escrita. Na minha opinião, um artista só se liberta quando domina completamente a técnica. Nenhum bailarino, músico, escritor, actor, atinge grandes resultados se não se dedicar amplamente à aprendizagem do seu ofício. E isso só se faz com paixão!

Sem nunca ser um estudioso, sempre fui um leitor voraz e sempre estive muito atento ao que me emocionava numa letra de fado. Antigamente, houve muitas letras sobre traições, desgraças ou toiros que não me tocavam nada. E não digo que estejam mal escritas. Digo apenas que não entraram no meu DNA poético. Mais do que a vastidão de uma obra, sempre procurei momentos poéticos que me arrebatassem. Por isso, posso chorar só por ter tido a sorte de ouvir “Do sangue das minhas veias/ ofereci taças bem cheias/ à sede de toda a gente” do maravilhoso João Dias. Posso comover-me por escutar “Já não temos fome, mãe/ mas já não temos também/ o desejo de a não ter” que Amália escreveu para o disco “Gostava de ser quem era”. Posso soltar uma gargalhada por causa de uma rima divertida do Alberto Janes: “Mas a verdade nua sem salameleque/que tive de aprender é que/ ai de mim se não for eu”. Posso debulhar-me em lágrimas por ter tido a fortuna de ser contemporâneo da Manuela de Freitas que, na minha opinião escreveu a melhor sextilha dos últimos 40 anos: “Que memória ou que saudade/ contará toda a verdade/ do que não fomos capazes/ por saudade ou por memória/ eu só sei contar a história/ da falta que tu me fazes”.

O meu mestre maior foi Linhares Barbosa e não que eu quisesse alguma vez escrever à maneira do Linhares, mas o Linhares é, na minha opinião, a maior testemunha do seu tempo no meio fadista. Através das suas letras que mais parecem aguar-

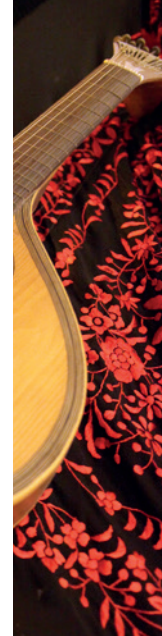
las, conseguimos ver a Lisboa que existia naquele tempo, conseguimos ver as relações entre as pessoas, as figuras pitorescas da cidade. É lindo, mas é o que não devemos escrever hoje em dia. O Linhares não estaria a escrever as mesmas coisas se estivesse hoje por aqui. Estaria a calcorrear as ruas, a fotografar os costumes, a transformar a realidade dos nossos dias em Fado. Não podemos continuar a escrever toda a vida sobre varinas e ardinhas porque já não existem. Temos de esquecer os reis, as hortas, os Vimiosos e escrever sobre o dia a dia que agora se nos apresenta.

Talvez fiquem surpreendidos se eu vos disser que foi numa letra que o Boss AC escreveu para o Marco Rodrigues cantar em dueto com o Carlos do Carmo que eu vi esta tradição ser honrada de uma forma mais sincera e arrebatadora! A letra falava do Homem do Saldanha: figura que todos os lisboetas conheciam e a quem acenavam com carinho sempre que subiam a Avenida Fontes Pereira de Melo.

A maior transformação que existiu no mundo da poesia fadista foi o encontro de Alain Oullman com Amália. A partir dali, tudo passou a ser possível. Mas é preciso perceber que nem todos os bons poemas dão bons fados. O Fado pode tirar um pé da rua mas o outro tem sempre de lá ficar e foi isso que Amália entendeu como ninguém. E os poetas compreenderam isso também. Qualquer pessoa consegue compreender “E nas veias o latido/ do motor de uma traneira” que o David Mourão Ferreira escreveu, ou “Grande, grande era a cidade/ e ninguém me conhecia” onde Pedro Homem de Melo fala da solidão de uma forma completamente diferente e mais dura!

Os próprios versos que Amália cantou de Camões são de fácil entendimento por toda a gente – “Com que voz chorarei meu triste fado?” – há lá verso mais fadista?

Mas houve muitos grandes poetas que tentaram escrever para



o Fado e se espalharam ao comprido. Claro que, por pudor e educação, não falarei deles mas afirmo-o aqui pela necessidade que acho que um letrista de Fado tem de ter de ser simples sem ser banal. O letrista tem de frequentar Casas de Fado, tem de conviver com fadistas, tem de ler muito, ouvir muito Fado, amar muito o Fado para conseguir atingir esse lugar raríssimo da simplicidade que nunca roça a banalidade. Escrevi para muitas vozes do Fado, de muitas gerações. Alguns deles já partiram: a Tereza Tarouca, a Celeste Rodrigues, o Carlos do Carmo, a Deolinda Rodrigues, a Beatriz da Conceição. Outros, já consagrados ainda cá andam com muita garra: a M^a João Quadros, a Joana Amendoeira, a Mafalda Arnauth, a Kátia Guerreiro, a Carminho, o Marco Rodrigues, a Cristina Branco, o Rodrigo Costa Félix... E escrevi também para muitos jovens – o Tiago Correia, o Geadas, o Zé Maria, a Gisela João, a Matilde Cid entre muitos, muitos outros. Com todos e com cada um deles aprendo o meu ofício. É necessário ouvi-los, estar perto para poder escrever palavras que eles vão defender com verdade quando subirem para um palco ou se aproximarem das guitarras numa Casa de Fado.

Escrever para vozes tão diferentes é a minha terapia: Preciso de encontrar em mim alguma coisa que também seja deles para conseguir escrever alguma coisa e assim vou resolvendo os meus traumas, os meus dilemas, as minhas dúvidas. Nunca aproveito uma letra de um fadista para outro. Acho isso uma traição inconcebível. Sempre que escrevo, estrou a pensar na voz, na personalidade artística de quem me vai cantar.

Por isso, a experiência mais inquietante que tive em toda a minha vida de letrista foi escrever para a voz de Mísia. A Mísia tem a coragem de cantar palavras que

mais ninguém cantaria. A Mísia tem muito, leu muito, viu muito, viveu muito. Não são quaisquer palavras que encontrarão porto na sua garganta. Ela obriga-me a exceder-me, a ser melhor do que eu sou, a escrever melhor, a pensar melhor, a ir mais além. E isso é o que eu procuro em cada um dos intérpretes das palavras que escrevo. O facto de eu “saber fazer” não quer dizer que faça sempre bem. E o es-

“

Um letrista de fado tem de ser simples sem ser banal.

”

tímulo que vem do intérprete é absolutamente transformador para mim. Já recebi muitos prémios, mas o maior é ouvir da boca de um cantor: “Se eu tivesse o dom da escrita, teria escrito estas palavras!”. E isto leva-me a uma reflexão que me parece absolutamente necessária no momento que vivemos. Depois da revolução poética que o Alain e a Amália protagonizaram, veio uma geração com um rigor poético incrível: Tereza Tarouca ou João Ferreira Rosa cantavam Pedro Homem de Melo, Beatriz da Conceição cantava Vasco de Lima Couto, Maria da Fé cantava Mário Rainho, Carlos do Carmo cantava Ary dos Santos. Tudo poetas de excepção. Essa necessidade de boa poesia começou a esbater-se em meados dos anos 90. Grande parte dos fadistas achou que era capaz de escrever as suas próprias letras e, nos últimos anos, há discos inteiros escritos pelo intérprete que, obviamente, não têm a grandeza destes poetas de que falei.



Por Tiago Torres da Silva

Para ser simples sem ser banal, é preciso tentar muito, falhar muito, viver muito, ler muito. O que se vê em muitos desses discos – mesmo quando se vislumbra um talento ainda imaturo – são letras simples, completamente banais e onde fica patente a falta de domínio técnico que muitos destes fadistas/poetas têm sobre a Arte a que se pretendem entregar. E falo de técnicas rudimentares como métrica e acentuação. Justificam esta necessidade de serem eles a escrever as letras que cantam pela falácia de que assim cantam coisas mais pessoais. Um grande poeta diz sempre coisas que são mais profundamente nossas do que qualquer outro e di-lo de uma maneira invulgar, superior. A poesia é uma coisa muito rara. Todos nós que lidamos com palavras queremos atingi-la um dia. Se isso acontecer uma vez, já será extraordinário.

Mas há sempre esperança. Não é à toa que me chamam o “optimista descontrolado” e, nos últimos anos, tenho visto aparecer gente de muito talento a escrever para o Fado. Isso enche-me de alegria e aproximo-me deles pelo muito que tenho a aprender com novos olhares que o Fado possa ter. O Fado não é... não pode ser uma forma. Um artista é mais o que diz do que a forma como o diz. É preciso gente que tenha coisas a dizer. E estes novos poetas do Fado têm coisas a dizer e dizem-no com mestria e muito, muito talento. Não gosto de nomear porque sei que me vou esquecer de alguém (a quem antecipadamente peço desculpa) mas tomem atenção ao trabalho do extraordinário Francisco Guimarães, da maravilhosa Teresinha Landeiro, do talentosíssimo José Quintela. Irão ouvir muitos fados com letras que eles escreveram. Irão vê-los a ganhar muitos prémios e eu estarei na primeira fila a aplaudi-los. ●

Associação do Fado Casto

Mais do que uma Casa de Fados, a Associação do Fado Casto é uma Academia de Fados.



A Associação do Fado Casto situada no coração de Alfama, uma das áreas mais emblemáticas de Lisboa.

A História

O edifício em que se encontra é um antigo palácio Pombalino, cujas fundações repousam sobre as antigas ruínas do Teatro Romano, conferindo-lhe uma aura verdadeiramente única. Com um pé direito de seis metros, o espaço proporciona uma acústica extraordinária, enquanto suas colunas e chão de pedra romana do século XVIII contam a história dos séculos passados. ***A medida que se entra, as paredes revestidas com discos de vinil históricos de Fado e fotografias de mais de mil fadistas e casas de Fado transportam os visitantes a uma viagem no tempo, um testemunho vivo da rica tradição fadista de Portugal.*** O bar com trezentos recortes originais de revistas e jornais que celebram a inigualável Rainha do Fado, Amália Rodrigues. Cada recorte conta uma parte da sua história e do legado que deixou para o mundo. Este espaço, abriga não apenas espetáculos, mas também uma componente didáctica e museológica, oferecendo aos visitantes a oportunidade de mergulhar mais profundamente na história e na essência do Fado.



Fado e Gastronomia

As noites na Associação do Fado Casto são uma celebração da música e da tradição fadista.

Os fados ressoam no ar após um jantar que é mais do que uma refeição, é uma experiência gastronómica que homenageia a variedade da cozinha tradicional portuguesa. ***Todos os produtos utilizados na confecção são de origem nacional, um tributo à riqueza dos sabores e ingredientes locais.*** Os pratos, meticulosamente preparados, são servidos em louça de barro tradicional portuguesa, conferin-

do uma autenticidade palpável a cada refeição. Além dos fadistas que compõem o núcleo artístico, a Associação do Fado Casto tem a honra de receber músicos e cantores que, ao se unirem ao espectáculo, criam um ambiente fadista ainda mais envolvente e espontâneo. É uma experiência em que a fronteira entre o palco e a plateia se desvanece, criando um espaço verdadeiramente

único para a expressão artística e a conexão entre artistas e público.

Assim, a Associação do Fado Casto não é apenas um local de entretenimento, mas um templo vivo dedicado à preservação e celebração da cultura do Fado, uma verdadeira jóia cultural no coração de Lisboa, onde passado e presente se entrelaçam em harmonia. 🎵

Rua de São Mamede 8A, 1100-058 Lisboa
Reservas:
(+351) 917 029 436
associacaodofadocasto@gmail.com

ASSOCIAÇÃO
DO FADO CASTO

Website

Nossas Casas

Rui Poço entrevista António Chainho

Como era ser guitarrista na sua época?

Naquela época sobrevivíamos das casas de fado. Nos anos 60, quando vim para Lisboa, não havia assim espetáculos. Era um mundo fechado, às vezes trocava-se uma casa por outra por meia dúzia de tostões, porque havia alguma exploração.

Nasceu no Alentejo?

Sim, nasci em Santiago do Cacém, na aldeia de São Francisco da Serra, onde o Zeca Afonso morou, junto a um moinho de vento do meu avô. Gravei com ele o disco Fura Fura (1979). Fiz tropa em Moçambique e regresssei à minha terra com 23 anos e fui para Lisboa com 25. Antes disso tinha estado um mês em Lisboa para tirar um curso de hotelaria na tropa e um primo meu levou-me a um café perto da Praça do Chile onde davam fado aos domingos à tarde. Estava lá a tocar um guitarrista chamado João Alberto e também o violista Raúl Silva que mais tarde chegou a ser o meu viola baixo e sócio da casa de fados que abrimos em Cascais.

Esse meu primo, pede a guitarra ao João Alberto: “Está aqui um militar que toca guitarra portuguesa”. Lembro-me que estava o Fernando Maurício, Joaquim Silveirinha, Isaura Alice de Carvalho, grandes fadistas da época. Toquei um solo de guitarra portuguesa, que tinha de ser dentro daquilo que o violista mais ou menos soubesse, e as variações sobre o “Fado Lopes” quase todos tocavam. Portanto, agarrei-me ao Fado Lopes e no final tudo gritava pelo “Magala”. A partir daí toda a gente ficou com o meu contacto.

A sua ligação à música e à guitarra surge na tasca do Faúlha, em São Francisco da Serra?

O meu pai chamava-se Jorge Chainho, mas era conhecido por Faúlha. Na minha terra havia um senhor que punha alcunhas a toda a gente, a mim pusera-me a alcunha de “Xaréu”, porque eu era muito moreno e as senhoras que iam vender peixe lá à minha aldeia traziam esse peixe chamado “Xaréu”, e essas alcunhas pegavam moda, mais tarde também chegaram a tratar-me por “preto da Guiné”, mas o “Xaréu” é que ficou. A Tasca do Faúlha não dava fado. O meu pai abriu o café e tinha um bilhar onde estava quase sempre a sua guitarra e havia pessoas que gostavam de cantar à desgarrada e cantavam bem, tal como a minha mãe, que tinha uma voz muito bonita, cantava fados da Amália. Teria feito carreira certamente no fado, mas faleceu nova, tinha eu 15 anos, para meu desgosto, que já a acompanhava com essa idade. Peguei na guitarra ainda de muito novo, com 8 anos, tenho memória das pessoas dizerem “Sacana do rapaz, tem muita habilidade...”.

Qual a sua ligação com os Mestres António Parreira e Carlos Gonçalves?

O António Parreira é de Santa Margarida da Serra, íamos à mesma escola. Ele tinha um tio que tinha uma guitarra e que



ia ter com o meu pai para aprender algumas coisas. O António aparecia lá e começou a acompanhar-me na viola, sendo que depois foi aprendendo também guitarra. O Carlos Gonçalves conheci-o na tropa, fizemos serviço militar juntos em Beja. Eu já o tinha ouvido na rádio, que na altura transmitiam programas das casas de fados uma vez por semana, e ficámos amigos desde aí. Haveria muitas histórias para contar.

Lembra-se da sua primeira guitarra?

Sim, era uma guitarra do meu pai, feito por um construtor de Grândola. Mais tarde, o senhor Carvalhais, que foi um segundo pai para mim, levou-me ao João Pedro Grácio ver umas guitarras. *Eu tinha trazido dinheiro da tropa e estavam lá duas guitarras gémeas, o Raúl Nery ficou com uma e eu fiquei com outra, que é uma das guitarras que ainda tenho, gosto muito do som dela.* Foi com essa guitarra que comecei a tocar por aí. Fui tendo mais guitarras Grácio, e uma que me roubaram perto da

“Tia Ló” (atual Casa de Linhares), aparece mais tarde na oficina do Gilberto Grácio, que consegui reaver e ainda a tenho. Nessa noite que me roubaram a guitarra ia visitar o José Pracana à Tia Ló, e estava lá o Paquito, que para além de um grande violista era também um amante de gastronomia. Ele e o José Luís Nobre Costa faziam os quilómetros que fossem necessários para irem experimentar algum restaurante que tivesse sido recomendado, era uma graça vê-los à mesa, e essa noite na Tia Ló não foi exceção, foi uma risada de mesa cheia.

Levou a guitarra consigo quando foi para Moçambique?

Sim, claro, tive lá dois anos. Ainda em Portugal, onde estivemos quase um ano em serviço, existiam encontros de música, e o nosso comandante de Companhia, Ventura Lopes, adorava que eu tocasse as Variações do Fado Lopes, que tinham o mesmo nome. Tinha vaidade comigo.

Quando viajámos e devido às várias escalas de avião que fizemos, a guitarra chegou a Moçambique desfeita, por causa das pressões atmosféricas. O comandante teve conhecimento da situação e em conjunto com o Alferes e um sargento-ajudante mandaram vir uma guitarra do Grácio de Loureço Marques, a companhia pagou. A guitarra era a alegria das festas, até ensinei um alferes a tocar guitarra, ele tocava um pouco de viola, e passei assim bons tempos na tropa. Nunca cheguei a ir para o mato, e ainda hoje não sei sequer nadar. Foi ótimo saber tocar guitarra. Cheguei a pesar mais dez quilos do que peso hoje, era chefe de cozinha juntamente com mais três camaradas, foram dias tranquilos.

Quando regressa da tropa, é o amor pelo fado que o leva para Lisboa?

Vim para a minha terra, embora mantivesse contacto com algumas pessoas do fado, sendo que depois fizeram-me uma homenagem, onde estive o Natalino Duarte, o Joaquim Silveirinha e a Isaura Alice de Carvalho. Depois o Raúl Silva e o sogro trataram de me arranjar um quarto em Lisboa, no Alto de São João, perto da casa deles, para ficar um mês ou dois, até me organizar. Estive cinco, seis meses na Severa, onde substitui o Carlos Gonçalves e depois, através do José Maria Nóbrega começo a tocar no Restaurante “Folclore”, atual Cervejaria da Trindade, onde trabalhei também com o Jorge Fontes que origina depois



“*Tocar com o Paco de Lucia no Festival de Córdoba foi um dos momentos marcantes da minha carreira*”

algumas sessões conjuntas na emissora nacional. O José Maria Nóbrega acabou por ser o meu padrinho de casamento, numa festa na minha aldeia, em que participou a Ada de Castro, que cantava no Restaurante Folclore, no elenco com a Lúcia Ribeiro, o Tony de Matos e o Rui de Mascarenhas. Era um espaço único, existiam vinte profissionais a dançar folclore, dois bailarinos de fandango, e fado com duas guitarradas, dois fados de Lisboa e dois fados de Coimbra, cantados de forma eximia por Américo Lima. Colocávamos os três uma capa preta. Por volta das 23:30h estávamos despachados, ainda com tempo de correr as “capelinhas” todas. Criei muitas amizades. Foi quando conheci o Carlos do Carmo, tinha ele vindo da Suíça, depois de terminar o seu curso de hotelaria. Comecei a frequentar o “Faia”, onde cantava com o Nóbrega, e a partir daí comecei a acompanhá-lo.

Começa um novo ciclo, com Carlos do Carmo?

Precisamente, o Carlos do Carmo era convidado para muitos eventos e o primeiro disco que gravou foi um sucesso incrível. Era eu, o José Maria Nóbrega e depois foi o professor Martinho da Assunção, um viola incrível, tinha uma batida única, tal como o Pedro Leal, que acompanhou a Amália. O Nóbrega começou a tocar baixo. Antes tinha acompanhado o Frei Hermano da Câmara, o António Mourão e a Ada de Castro. Com o António Mourão, fazia digressões de 40 dias pelo Canadá, América, Califórnia e num dos espetáculos que inclui o Frei Hermano da Câmara em 1975, foi a Marina Mota tinha ela 11 anos e a mãe dela acompanhou durante esses 40 dias. Seguíamos de caravana com ótimas condições, mas era duro, viajar durante o dia e espetáculos à noite. Tinha muito trabalho na altura, e ainda era produtor da rádio Triunfo. Como no Folclore havia muito turismo, apareceu o dono da editora Rapsódia e também gravei o meu primeiro EP “Solos de Chainho”, com algumas composições originais. Passados dois anos, gravei também com a editora Estúdio.

Que momentos da sua carreira destaca?

São tantos, é difícil escolher, estou a lembrar-me de tocar com o Paco de Lúcia no festival de Córdoba, que foi memorável, receber o primeiro prémio de imprensa para guitarra, em 1981, assim como receber a medalha de comendador da ordem do Infante D. Henrique com o atual presidente, Marcelo Rebelo de Sousa, é um orgulho, entre tantos outros momentos de partilha com tantos músicos e fadistas.

Quais são as suas inspirações e referências?

Naquela época, o Jaime Santos e o José Nunes tinham um som de guitarra impressionante, mas também o Domingos Camarinha com as suas guitarradas que se ouviam todos os dias na Emissora Nacional, passavam antes do noticiário, eu sabia tudo de cor. “Variações sobre o Fado Corrido” espetaculares, “Variações em Si bemol”, “Guitarra Triste”, “Flor da Amendoeira” que é um corridinho algarvio, “Que me disse a saudade”, “Cantares Portugueses”, “Noturno”, “Variações em Lá menor”, era um guitarrista muito bom. O Raul Nery era um exímio acompanhador de fado, o Alcino Frazão tinha um estilo muito próprio, gravou um disco com muita qualidade. A vida passa depressa. >



A Canção de Coimbra no feminino



Por Jorge Cravo*



Considera-se inovador para a sua época?

Não, apenas tinha bom ouvido, nunca tive gira-discos e tudo o que eu ouvia era na rádio, passavam muita música portuguesa, fixava os temas, depois é uma questão de trabalho. Tentei trazer algumas coisas diferentes, como por exemplo o disco “A guitarra e outras mulheres”, que teve bastante sucesso.

O que pensa sobre o ensino da Guitarra Portuguesa?

É fundamental divulgar e difundir o ensino da guitarra portuguesa, sempre defendi que a evolução do instrumento dependia disso mesmo, uma vez que era um mundo muito fechado. Fiz parte do projeto inicial da “Casa do Fado e da Guitarra Portuguesa”, onde se situa hoje o “Museu do Fado”. Na altura já tinha ideia de abrir uma escola de ensino da guitarra, e o Dr. Carlos Costa do pelouro da cultura e o Engenheiro Rui Godinho, da Câmara de Lisboa, chamaram-me para reunir com eles. Andou-se à procura de um local para abrir a escola, até que se decidiu pelo atual edifício do Museu do Fado, que era a estação de águas de Alfama, que precisava de obras, mas tinha excelentes condições e espaço. Fiquei a gerir a parte do ensino da guitarra, com os professores José Luís Nobre Costa, o Carlos Gonçalves, o Arménio de Melo que saiu pouco tempo depois e o António Parreira, que passou, entretanto, o testemunho ao seu filho Ricardo Parreira. Depois abri a escola de ensino de guitarra em Grândola e em Santiago do Cacém, que tem uns 15 alunos à data, com o professor Bruno Mira.

Conheceu Amália Rodrigues?

Conheci a Amália nos anos da Maluda, fui com o Paquito duas

vezes aos anos da Maluda e a Amália esteve presente, acompanhei-a lá no aniversário e também na casa que abri com o Rodrigo em Cascais. Nessa altura fiquei também como diretor artístico do Hotel Altis, uma vez que já estava comprometido com o dono do Hotel, Fernando Martins que gostava muito de fado e gostava muito de me ouvir. Como fechava por volta das 23h00, ficou o Carlos Gonçalves a tocar no nosso restaurante “Dom Rodrigo”. Lembro-me que durante alguns anos não precisei de fazer unhas, o Carlos Gonçalves fazia todos os dias unhas e quase nunca ficavam como ele queria, eu aproveitava-as e dava-lhes o meu jeito. Na altura, o Júlio Gomes, viola da Amália, tocava com o Fontes Rocha e o Carlos Gonçalves, e nem sempre podiam os dois, e o Júlio Gomes perguntou-me se queria pertencer ao grupo, disse-me que já tinham falado em mim. Mas eu já tinha uma vida de tal maneira, com o Carlos do Carmo e com o meu trabalho que não tinha tempo e decidi não aceitar porque passávamos muito tempo fora.

Tendo em conta que esta entrevista será publicada já depois do concerto no CCB, o que podemos esperar?

Sim, tenho concerto no CCB no dia 24 de Novembro e antes ainda vou fazer alguns espaços Fnac. Talvez seja um dos últimos concertos, mas não invalida que não possa ir ainda fazer uma visita ao Fundão, à Associação Fado Cale. Este concerto do CCB vai ser quase à base do último disco, em que homenageio todos aqueles que foram os meus professores através da rádio, aquilo que eu aprendi desde o Domingos Camarinha, ao Jaime Santos, ao Raúl Nery, José Nunes, entre outros.

Agora vou buscar as guitarras para o Rui experimentar... 🎵

Coimbra sempre teve uma Canção cantada pelo seu povo. Uma Canção Popular que tinha na tricana (a sua mulher do povo) a voz principal para tão vasto repertório.

Igualmente Coimbra sempre foi uma terra de estudantes, que aqui cantavam as suas canções, quantas delas oriundas das várias regiões das quais eram naturais.

De grande importância para a afirmação da Canção de Coimbra, do ponto de vista local, são as influências que sempre se observaram entre os populares e os escolares, independentemente das velhas rivalidades entre os futricas (gente do povo) e os sacas de carvão (como eram designados os estudantes na gíria popular).

Em consequência desta coexistência musical entre populares e académicos, a Universidade de Coimbra viu os seus escolares criarem e interpretarem um repertório fortemente influenciado pelos cantares populares da cidade, daí resultando o filão académico da Canção de Coimbra, sendo, no mundo, uma rara Universidade, oriunda da época medieval, possuidora de uma Canção própria. A Canção de Coimbra alargou-se, assim, aos cantares dos estudantes.

Ou seja: falamos de uma Canção da cidade que os estudantes adoptaram como sua. E se no filão popular predominava a mulher (até mais do que o homem a cantar), no filão académico, pela Academia ter sido ao longo dos séculos masculina, era o estudante que a cantava.

Todavia, a preponderância da rapariga universitária é inegável e estando em maioria na Universidade de Coimbra somos chegados a este facto nos anos 20 do século XXI: a rapariga universitária também canta a Canção de Coimbra. São elas que estão a mudar a tradição, por que estudantes universitárias, e não qualquer outra mulher exógena à Academia.

E o que está a rapariga estudante a cantar? Com um respeito pelo que lhe é legado, canta, como escola de aprendizagem, os clássicos da Canção de Coimbra, aventura-se nas trovas e baladas do Adriano e do Zeca e no repertório do Luiz Goes (cada vez mais presente), respeitando a música e a letra do que canta e não descaracterizando a interpretação matriz desta Canção.

A grande preocupação é a de a rapariga estudante não cair nos portamentos, nos melismas e nos trejeitos “à fadista de Lisboa”, sob pena de a Canção de Coimbra

perder autenticidade e aproximar-se etnicamente do Fado de Lisboa. Não se pretende isso e as raparigas que hoje cantam sabem-no bem!

Só no ano lectivo de 2022/23, na Secção de Fado da AAC, cinco raparigas estudantes iniciaram-se em aulas de interpretação e, como resultado, chegaram já a actuar em espectáculos da própria Secção, assim como, por exemplo, no Dia do Antigo Estudante, organizado pela Associação dos Antigos Estudantes da Universidade de Coimbra. O que se se espera é que a rapariga traga à Canção de Coimbra um purismo musical e interpretativo, temático e poético, singular, inédito e indicativo de que a Canção de Coimbra tem algo de novo, mas mantendo a sua matriz de música regional e local sob pena de se aligeirar este género musical e passar a ser uma cançoneta ou outra coisa qualquer e não a Canção desta cidade tal como a conhecemos! 🎵

* - Cultor da Canção de Coimbra. Bibliotecário na Biblioteca Municipal de Coimbra, com vários artigos sobre a Canção de Coimbra em jornais e revistas. Discografia: Canções d'Aqui (1989), folha a folha (1999), canções d'inquietude (2005) e canções d'uma cidade e d'um rio (2010).

Quem faz do fado profissão quer e precisa de cantar



Há também aqueles que não o tendo como profissão são enormes apaixonados, sendo estes tão ou mais importantes que todos os outros porque fazem-no somente por amor, estando imunes a questões financeiras. A decisão de ser artista como profissão é difícil e, por vezes, até mal vista, uma vez que pode causar alguma inveja numa sociedade em que a grande maioria das pessoas faz o que não gosta, contrariamente aos artistas que, em regra geral, cantam, compõem e/ou escrevem, pintam, porque lhes faz bem, de uma forma ou de outra. Talvez, por termos uma sociedade tão infeliz, o fado, seja tão menosprezado e maltratado em Portugal, mas, mesmo assim, vai prevalecendo e passando entre os pingos da chuva, atravessando gerações. Eu sou daquelas que não nasceu no fado. Tive sim acesso a muita e boa música. Apaixonei-me loucamente pelo fado talvez por ter sido a música que mais me desafiou como cantora e me tenha causado sensações nunca antes vividas, ainda por cima, cantado na nossa língua. Atirei-me então de corpo e alma, mesmo não sabendo, no início, o que estava a fazer, decidi que o fado seria a minha vida. É uma decisão difícil. Precisei de coragem e apoio dos que me rodeavam. A decisão de ter uma arte como ofício é sinónimo de uma muito possível instabilidade financeira. Eu não fugi à

regra! Não me arrependo, nem por um minuto, de todos os medos e ansiedades que tive (e tenho). Sinto que foi por um bem maior e cada vez mais realizo que sou uma privilegiada ao ter a oportunidade de ter o meu talento a “render” e poder fazer dele a minha profissão. Se formos felizes no que fazemos, o pouco torna-se muito e o que é nosso está guardado. Na caminhada artística surge o aguardado momento de gravar um disco. Tal como um escritor ou pintor que quer deixar um livro ou um quadro também os fadistas querem deixar obra e ser “consumidos” tendo a vontade de chegar às pessoas e tentar deixar um legado. É nesta fase que se decide repertórios e há dúvidas e dilemas entre a vontade de chegar a massas de ouvintes ou apenas a alguns que consomem fado tradicional. Eu própria caí nesta tentação e, no meu primeiro disco, escolhi uma canção para me apresentar como “fadista”. Não fui honesta, confesso o meu pecado. Amo cantar e não me choca cantar outros géneros musicais, no entanto, um disco é um bilhete de identidade, podendo ter no seu conteúdo algo que se afaste da matriz tradicional, mas não me parece coerente, um cantor que começa pelo fado dando-lhe este a oportunidade de gravar um disco, apresentar como seu primeiro single, uma canção. **O fado não é nem nunca vai ser de massas. Cada vez mais sou da opinião “Poucos, mas bons”! Estes poucos vão ter, garan-**

tidamente, muito maior preponderância em levar esta música adiante do que todos os outros que se julgam amantes de fado mas nunca foram a uma casa de fados, onde o fado mora. Os fadistas têm a obrigação de defender o fado com unhas e dentes. Se não forem eles a cantá-lo, quem o fará?

Tudo o que é de verdade é bom. Não desviemos os fadistas do fado e mostremos às pessoas o que é bom no panorama fadista nacional com modernidade, mas sem desvirtuá-lo. Isto deve ser feito por quem o conhece muito bem. Tal como fez o Martinho da Assunção no seu tempo, revolucionando a forma de acompanhar o fado e acrescentando novas sonoridades, claramente provenientes de outros géneros musicais.

Não se pode mudar ou melhorar nada que não se conheça profundamente. Neste sentido questiono-me sempre sobre as opções dos artistas e/ou dos produtores nas suas escolhas de singles e “hits” (salvo raras exceções) nos discos de artistas de fado.

Se não há ouvintes, devem os fadistas cingirem-se ao mercado? Isto dá que pensar. Na minha pouca experiência, mas como uma apaixonada pelo fado que também cometeu esse erro, fui tentar perceber dentro das minhas plataformas digitais qual o tema mais consumido.

Qual não foi o meu espanto quando percebi que o fado mais ouvido é o Fado Corrido!! Tem uma abordagem diferente, mas é o fado corrido, o fado mais velho, mais simples e tradicional de que há memória. Será que a chave do sucesso não será explorar esta linda simplicidade do fado? Sempre ouvi dizer que as melhores coisas da vida são as coisas simples.

Esta visão parece não ser partilhada por quem vende o fado. Infelizmente. Enfim, há toda uma resistência contra os fados na indústria musical neste país. É caso para dizer “Em casa de ferreiro, espeto de pau”.

Veja-se, por exemplo, pelas maiores estações de rádio que não passam um único fado. Uma vergonha.

O fado é uma experiência imersiva (citando uma expressão da moda) devido aos locais onde é tocado e à intensidade do momento.

Isto torna-se impossível de recriar quando os artistas chegam a um certo nível de audiência e naturalmente precisam

de grandes palcos colocando fado num local onde não pertence. Ora, num grande palco, tocar fado tradicional, torna-se bastante difícil. Digo isto sem nenhum tom de crítica, mas apenas para constatar factos. O fado sendo intimidade, nudez e brutalidade de sentimentos não se compadece de um espaço monumental com milhares de pessoas e um funk como música de fundo com um senhor a dizer “As meninas não pagam, mas também não andam”. Seria um sonho que se tratasse o fado como ele merece e oferecesse às pessoas um espectáculo de fado o mais próximo possível da casa de fado a nível de som e intimidade. No fundo o grande desafio é esse. É aproximar a experiência de um concerto amplificado da experiência da casa de fado. Há que ter em atenção onde são feitos concertos de fado para que lhe seja sempre dada a dignidade merecida e para que se mostre também

“

Não se pode mudar ou melhorar nada que não se conheça profundamente.

”

às pessoas que o ouvem pela primeira vez que há qualquer coisa de diferente nesta música.

Neste sentido e sem certas condições, torna-se completamente impossível e às vezes é bastante confrangedor, até, ouvir um concerto de fado.

Se há uma ignorância no que respeita ao fado porque não tentar contrariar esta tendência?

Todos sabemos que o fado é património imaterial da Humanidade e a imensa honra que isto é para nós, como país e nação. Neste sentido teria de haver um esforço colectivo nas várias instâncias (públicas e privadas) na formação musical sobre o tema. Na minha geração fui obrigada (e bem) a ter educação musical onde tínhamos de aprender a tocar uma flauta com um som bastante irritante. Nunca, em momento algum, se falou de fado, da guitarra portuguesa, de fadistas como a Amália Rodrigues, Maria Teresa



Por Matilde Cid

de Noronha (que fizeram, provavelmente, mais pelo nosso país do que qualquer político dos últimos anos), nem de escrita, nem de poesia. Pergunto eu, porquê? Temos vergonha do que é nosso? Porque não ensinamos as nossas crianças a ouvir e sobretudo experimentar e tentar entender? Bem sei que este trabalho deve partir de casa mas não havendo em casa, pode muito bem ser iniciado na escola.

E sim, o ouvido educa-se e aprimora-se. A falta de educação musical nos dias que correm é bastante assustadora. Esta ausência vai deixar marcas. O fácil de ouvir ocupa um lugar maior, ainda mais numa época em que não se perde tempo com nada e a satisfação tem de ser imediata.

O fado precisa de tempo. O fado precisa de dedicação e maturidade. Nem sempre é amor à primeira vista e nunca poderá competir com música pop. No entanto, não tem menos riqueza nem valor por isso. Temos obrigação de mostrar às nossas crianças o que é nosso e volto a dizer que é possível porque se educa. Se deixarmos a semente ela pode ou não dar frutos, mas se não deixarmos nada não se gera nada. As raízes e tradições devem manter-se vivas para além de que é algo que nos une como povo. Veja-se pela diversidade de pessoas que frequentam as casas de fado onde não há classes sociais nem bandeiras políticas.

Tenho um dia o sonho de que neste país, o fado seja tratado como merece. Que todos falem dele com orgulho. Que as crianças queiram saber e aprender mais sobre a guitarra portuguesa, que se exaltem os grandes fadistas e poetas do fado e que no fim de tudo isto lhe seja dada a dignidade merecida, tanto pela população como pela indústria.

Não desistam! Viva o Fado! 🎵

Herdade do Brejão

Amália Rodrigues e César Seabra, seu marido durante 36 anos, adquiriram, na década de 60, uma propriedade na Costa Vicentina, onde foi edificada a sua deslumbrante e “transparente” casa de férias – um projeto do grande arquiteto Conceição e Silva.



A Herdade dispunha de um acesso privativo à praia, no entanto, de alma generosa, inclusiva e solidária, Amália cedeu através da sua propriedade acesso público à praia, que tem agora o nome de Praia Amália. É uma herdade onde, a cada momento, se materializa a sua presença e a sua enorme paixão pelas flores, pela Natureza e onde em cada objeto se reconhece e identifica a sua visão e gosto pela vida. É assim considerada tanto um marco histórico na vida da artista, como em toda a região e especificamente para o povo do Brejão, povoação localizada a 2 km.

Hoje, a Herdade funciona como alojamento local.

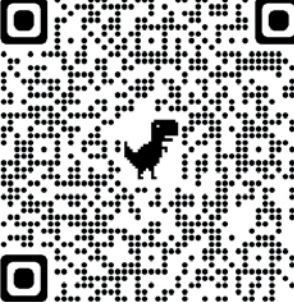
Contacto para reservas:
+351 961 649 407



Ouça aqui:



Ouça aqui:



Ouça aqui:



Ouça aqui:



Ouça aqui:



Ouça aqui:



Ouça aqui:



Ouça aqui:



Ouça aqui:



Ouça aqui:



LISBOA

FADO AO CARMO

Rua da Condessa nº52 - Carmo/Chiado
Contactos: 912 115 677
info@fadoaocarmo.pt
www.fadoaocarmo.pt

O FORCADO

Rua Da Rosa nº221 - Bairro Alto
Contactos: 213 468 579
www.oforcado.com

PARREIRINHA DE ALFAMA

Beco Espírito Santo Nº1 - Alfama
Contactos: 218 868 209
booking@parreirinhadealfama.com
www.parreirinhadealfama.com

FADO EM SI

Rua de São João da Praça 18 - Alfama
Contactos: 211 387 418
booking@fadoemsi.com
www.fadoemsi.com

A SEVERA

Rua Das Gáveas, 51 a 61 - Lisboa
Contactos: 213 428 314 | info@asevera.com
www.asevera.com

TASCA DO CHICO

R. do Diário de Notícias 39 - Bairro Alto
Rua dos Remédios nº83 - Alfama
Contactos: 961 339 696

CANTO DA ATALAIA

Rua da Atalaia nº13 - Bairro Alto
Contactos: 213 461 928
cantodaatalaia@gmail.com
www.cantodaatalaia.pt

TAVERNA DEL REY

Largo do Chafariz de Dentro 14 - Alfama
Contactos: 968 944 507
tavernadelrealfama@gmail.com
www.tavernadelrey.pt

PÁTEO DE ALFAMA

Rua de São João da Praça 18 - Alfama
Contactos: 215 873 415
booking@pateodealfama.pt
www.pateodealfama.pt

TIMPANAS

Rua Gilberto Rola, n.º 22 – 24
Contactos: 213 906 655
timpanas@fadoandfood.pt
www.timpanas.pt

CASA DE LINHARES

Beco dos Armazéns do Linho 2 - Alfama

Contactos: 910 188 118
info@casadelinhares.com
www.casadelinhares.com

TASCA DO JAIME

Rua de S. Pedro 40 - Graça
Contactos: 966 463 721
www.instagram.com/tascadojaime

FAMA D´ALFAMA

Rua do Terreiro do Trigo 80 - Alfama
Contactos: 925 428 317
famadealfama@gmail.com
www.facebook.com/restaurantefamadalfama

CLUBE DE FADO

Rua São João da Praça 86-94 - Alfama
Contactos: 218 852 704
clubedefado@fadoandfood.pt
www.clubedefado.pt

PORTA DE ALFAMA

Rua de São João da Praça 17 - Alfama
Contactos: 960 141 909
tininhalfama@live.com.pt
www.facebook.com/tininhadealfama

SEGREDO DE ALFAMA

Rua do Vigário nº 70 E/F - Alfama
Contactos: 926 107 717
osegredodalfama@gmail.com
www.osegredodalfama.com

SENHOR VINHO

Rua do Meio à Lapa 18 - Bairro da Lapa
Contactos: 962315485 | reservas@srvinho.com
www.srvinho.com

TASCA DA BELA

Rua dos Remédios 190 - Alfama
Contactos: 926 077 511
tascadabelacasadefados@gmail.com
www.tascadabela.eatbu.com

SÃO MIGUEL DE ALFAMA

Rua de São Miguel 9 - Alfama
Contactos: 968 554 422
info@saomigueldalfama.com
www.saomigueldalfama.com

O FAIA

Rua da Barroca 54-56 - Bairro Alto
Contactos: 213 426 742
info@ofaia.com
www.ofaia.com

MARIA DA MOURARIA

Largo da Severa 2 - Mouraria
Contactos: 934 450 130
mariadamouraria@gmail.com
www.mariadamouraria.eatbu.com

CAFÉ LUSO

Travessa da Queimada 10 - Encarnação
Contactos: 213 422 281
cafeluso@fadoandfood.pt

A BAIUCA

Morada: Rua de São Miguel 20 - Alfama
Contactos: 939 457 098 | abaiuca@sapo.pt

PORTO

FADO PORTUGUÊS

Rua Valente Perfeito 301-213
Contactos: 915 543 950
reservas@fadoportugues.pt
www.fadoportugues.pt

CASA DA MARIQUINHAS

Rua de São Sebastião 25
Contactos: 915 613 877
info@casadamariquinhas.pt
www.casadamariquinhas.pt

COIMBRA

À CAPELLA

Capela da Victória, Rua do Corpo de Deus
Contactos: 925 786 939
mail.acapella@gmail.com
www.acapella.com.pt

CAFÉ SANTA CRUZ

Praça 8 de Maio
Contactos: 239 833 617
geral@cafesantacruz.com
www.cafesantacruz.com

QUEBRA O GALHO

Rua do Quebra Costas 12,
Contactos: 918 651 595
quebragalhocoimbra@gmail.com
www.quebragalho.pt

ALGARVE

ARCADAS DO FADO

Avenida 5 de Outubro 85 - Almancil
Contactos: 289 398 113
geral@arcadasdofado.com
www.arcadasdofado.com

FUNDÃO

ASSOCIAÇÃO FADO CALE

Rua da Cale 33 - Fundão
Contactos: 932 244 848 | fadocale@gmail.com
www.fadocale.pt



Para mais informações:



creditoagricola.pt • 808 20 60 60
Atendimento personalizado 24h/dia, 7 dias/semana

fundão
365 dias à descoberta



United Nations
Educational, Scientific and
Cultural Organization



CASA DO BARRO _ TELHADO
CASA - MUSEU D. ÍLDA VALENTIM _ SILVARES
CASA DAS TECEDERAS _ JANEIRO DE CIMA
CASAS DOS OFÍCIOS _ SOUTO DA CASA
CASA DAS MEMÓRIAS DE ANTÓNIO GUTERRES _ DONAS
CASA DA POESIA DE EUGÉNIO DE ANDRADE _ PÓVOA DE ATALAIA
CASA DA ROMARIA DE SANTA LUZIA _ CASTELEJO
CASA DO MEL _ BOGAS DE CIMA
CASA DO BOMBO _ LAVACOLHOS
CASA DA PASTORÍCIA _ SALGUEIRO - TRÊS POVOS
CASA DA CEREJA _ ALCONGOSTA
CASA DO BARQUEIRO _ JANEIRO DE CIMA
CASA DO QUEIJO _ ORCA

CENTRO UNESCO



www.visitfundao.pt



www.cm-fundao.pt